

## O FILME *RIO*: UM ESTUDO LINGUÍSTICO-CULTURAL CONSIDERANDO O INGLÊS E O PORTUGUÊS

### ***THE MOVIE RIO: A LINGUISTICS-CULTURAL STUDY CONSIDERING ENGLISH AND PORTUGUESE***

Daniela Terenzi  
Mestre em Linguística  
Universidade Federal de São Carlos  
(daniela.ufscar@gmail.com)

**RESUMO:** Este estudo de diálogos curtos do filme *Rio* tem o propósito de analisar aspectos linguístico-culturais nele contidos. Com base no fato de que esta animação foi produzida em língua inglesa e apenas legendada e dublada em português, uma apreciação de diálogos e cenas desse filme foi realizada a partir da perspectiva de nosso conhecimento dessas línguas e da carga cultural compartilhada em razão desse conhecimento. Este artigo discute aspectos teóricos relacionados à cultura, lexicultura e carga cultural compartilhada, o que dá suporte às análises realizadas. Como resultado, observamos no filme *Rio* que várias situações comunicativas dependem de um conhecimento cultural para serem compreendidas e que, quando os diálogos são traduzidos, esses rasgos culturais muitas vezes não são considerados, o que resulta, portanto, no comprometimento da compreensão da cena.

**Palavras-chave:** Filme *Rio*; Cultura; Linguística; Português; Inglês

**ABSTRACT:** This study analyzes the linguistic and cultural aspects of short dialogues within the movie “Rio.” Given the fact that the movie was produced in English and either subtitled or dubbed into Portuguese, we examine the dialogues and scenes through the lens of our shared cultural knowledge, perspective and understanding of the language. Furthermore, we discuss theoretical aspects about culture, lexiculture as well as shared cultural knowledge, which support our analyses. Accordingly, we were able to observe that many situations in the movie require cultural awareness in order to be understood. Moreover, with the translation of the dialogues, in most cases the cultural aspects were not taken into account, resulting in difficulty in understanding their true meaning.

**Key-words:** Movie *Rio*; Culture; Linguistics; Portuguese; English

### **Introdução**

País que por mais vezes foi campeão da Copa do Mundo de futebol, sede desta competição em 2014 e dos Jogos Olímpicos em 2016, o Brasil tem sido alvo dos holofotes da imprensa internacional. Diante deste quadro, a imagem destacada por estas luzes direcionadas ao nosso país e ao nosso povo pode não ser exatamente aquela que corresponde à realidade.

Recentemente, os olhares de todo o mundo voltaram-se à cidade do Rio de Janeiro, escolhida como cenário para os acontecimentos de uma parte da vida de

Blue, a arara-azul protagonista do filme *Rio* (2011), animação dirigida por Carlos Saldanha e produzida por Blue Sky Studios e Twentieth Century Fox Animation.

Esse filme foi produzido em inglês, mas apresenta alguns curtos diálogos em português. Além disso, foi legendado e dublado em língua portuguesa, o que, a princípio, pode parecer-nos um processo natural, comum e simples. Porém, quando assistimos a essa animação de maneira cautelosa e atenta aos detalhes, percebemos que esse vaivém entre as línguas pode comprometer o entendimento dos diálogos ou, ainda, influenciar o ponto de vista do telespectador, principalmente se forem considerados os aspectos culturais das situações comunicativas.

Mediante estas considerações, realizaremos uma apreciação de diálogos e cenas do filme *Rio* a partir da perspectiva de nosso conhecimento das línguas portuguesa e inglesa, visto que nossa carga cultural pode nos auxiliar na análise que faremos.

Com o objetivo de expor e discutir nossa análise, este artigo está organizado em quatro partes: introdução, reflexões teóricas, análise de diálogos e cenas e, por fim, considerações finais.

### **Reflexões teóricas**

Diversas áreas do conhecimento (como a Sociologia, Antropologia, Psicologia, entre outras), por meio de diferentes perspectivas, abordam e esforçam-se para definir a palavra “cultura”. Porém, ainda não há uma definição que compreenda todas as especificidades deste termo.

Para embasar teoricamente o que é cultura em nosso estudo, privilegiaremos os estudos de Lyons (1987, p. 280), que considera cultura como o “(...) conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade”, e de Kawachi (2011, p. 40), que compreende “cultura como um construto diacrônico que, em sua abrangência histórica, social e artística, reflete – e/ou contribui para constituir – a identidade de um grupo”.

Nas perspectivas apresentadas, a palavra cultura está diretamente relacionada a um grupo, a determinada sociedade, bem como à língua. É comum pensarmos que o italiano está relacionado à Itália, assim como o inglês nos remete

aos Estados Unidos e à Inglaterra. Dessa forma, direcionamo-nos a outro questionamento acerca de conceitos, ou seja, a língua é cultura? A língua faz parte da cultura? Nosso intuito não é definir aqui essas questões, que podem ser mais bem discutidas em outros estudos que tenham este propósito específico, mas considerar as relações que podem ser estabelecidas entre cultura e língua.

Para Kramsch (1998, p. 48), a palavra “cultura pode ser definida como pertencimento a uma comunidade discursiva que compartilha um espaço social e história, e imaginários comuns”. Notamos, nesta definição, que a autora faz uma associação explícita entre cultura e língua. Em outros estudos, como o de Bolognini (1998), essa relação é ainda mais forte, o que demonstra que não há como promover uma separação entre língua e cultura.

A explicação para tal indissociabilidade é que “[...] a cultura é transmitida simbolicamente. Ou seja, considerando Freud, pela linguagem. E a linguagem constitui sujeitos. Portanto, essa constituição é cultural. O sujeito é constituído como ser cultural por meio da linguagem” (KRAMSCH, 1998, p. 50).

Compreendemos, assim, por meio da perspectiva apresentada, que a língua pode ser um meio de transmissão da cultura, e, portanto, o léxico, como parte deste sistema, assume um papel importante, pois está diretamente relacionado aos aspectos culturais de uma língua.

Sobre o sistema léxico, Biderman (2001, p. 179) pondera que

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares [...] Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Este é um ponto muito importante nas considerações que buscamos fazer nesta discussão, pois, ao realizarmos uma tradução, podemos alterar o sentido ou o significado de determinado termo lexical, o que pode fazer que o interlocutor o interprete ou o entenda de modo diferente do esperado/pressuposto, como demonstraremos nos dados que retiramos do filme **Rio**.

A lexicologia estuda o vocabulário para entender e explicar uma sociedade, isto é, utiliza as palavras como objeto de estudo por considerar que o léxico pode refletir as experiências do povo, o que significa que é no uso da língua que os implícitos culturais são expressos.

Nesta relação léxico–cultura, Galisson (1987) constrói um conceito denominado lexicultura, que corresponde a um modo de acesso ao estudo do léxico culturalmente marcado (BARBOSA, 2009). Barbosa (2009, p. 33), por sua vez, reforça que a “lexicultura mostra-nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, pois, sabemos que o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligado à realidade extralinguística”.

Barbosa (2009) também retoma a explicação formulada por Díaz (2003) acerca deste conceito, para quem o termo **cultura** é resultado da união das duas formas léxico e cultura e evoca duas conotações: uma, referente ao léxico, reenvia-nos à palavra, ou seja, ao conjunto de palavras que uma língua comporta; a outra, relativa à cultura, está ligada ao conjunto de manifestações por meio das quais se expressa o cotidiano de um povo.

Galisson e Puren (1999 *apud* SILVA, 2008, p. 2021) definem lexicultura como “a cultura (implícita), latente nas ou sob as palavras, que convém atualizar, explicitar e interpretar”. Pautados nesta afirmação, discutiremos a cultura que pode ser entendida e interpretada no ou por meio do léxico, considerando que encontramos uma carga cultural mais explícita principalmente em gírias, piadas e expressões idiomáticas, visto que é nesta parte do sistema linguístico que podemos observar uma maior influência de tradições e experiências dos falantes de determinada língua.

Quando o indivíduo reconhece a carga cultural expressa no léxico, há o que Galisson (1987, p. 115) chama de “palavra com carga cultural compartilhada (CCC)”. Em outras palavras, quando outro valor, além do sentido literal da palavra, é conhecido e entendido por indivíduos geralmente pertencentes à mesma cultura, podemos dizer que há uma CCC no léxico em questão e que essa carga cultural está ligada às experiências e vivências desse povo e de sua língua.

Com base em Galisson (1987; 1991), Barbosa (2009, p. 35) destaca que a CCC pode apresentar-se sob as formas de

(a) estereótipos representados por certas locuções cristalizadas, associando animais a defeitos ou qualidades humanas ou locuções que comparam o ser humano ao animal; incluindo aqui os chamados inanimados culturais (objetos fabricados ou não pelo homem aos quais são creditadas cargas que qualquer falante nativo mobiliza ao entrar em contato – auditivo ou visual – da palavra que se refere ao objeto); (b) associação de um lugar a um produto ou vice-versa; (c) costumes, crenças, superstições e comportamentos evocados pela palavra.

Estas três categorias, por nós assim denominadas, são importantes ao analisarmos alguns trechos do filme **Rio**, pois utilizaremos nossa experiência e nosso conhecimento do português e do inglês, a fim de selecionarmos as passagens em que podemos identificar a presença de CCC. Esses trechos, portanto, requerem que o telespectador compartilhe tal carga cultural para que compreenda melhor o diálogo ou a situação comunicativa.

Ainda pautados no estudo de Barbosa (2009), consideramos relevante ressaltar que o estudo da lexicultura não foca o significado do léxico em si, pois esta é a função da lexicografia, mas a carga cultural a qual esse léxico remete, e incluímos o estudo do sentido e de sua possível interpretação.

### **Análise de diálogos e cenas**

Apresentaremos e discutiremos, a seguir, alguns diálogos e cenas extraídos do filme-animação *Rio* (2011). Para a seleção dos dados, utilizamos a versão do filme em DVD, distribuído no Brasil em (vídeo) locadoras e lojas especializadas, com áudio e legenda em português e inglês.

Na maior parte da análise, utilizamos a opção áudio em inglês e legenda em português, pois, além de esse ser o áudio (*script*<sup>1</sup>) original do filme, relevante número de telespectadores brasileiros, por falta de conhecimento da língua inglesa, provavelmente assiste à animação com legenda em português.

Dessa maneira, levaremos em consideração questões relativas ao léxico e à cultura, pautando-nos nas discussões teóricas apresentadas na seção anterior. Discutiremos as intenções de significação e o sentido de determinados trechos, com base na carga cultural implícita ou explícita nesses casos, e as traduções de uma

---

<sup>1</sup> *Script* refere-se ao roteiro do filme, incluindo a fala dos personagens e pequenas descrições de suas atitudes em cena.

língua para outra, bem como o que este movimento pode causar em relação aos sentidos.

A protagonista de **Rio** é uma arara-azul chamada Blue (Azul, em português). Logo no início do filme, há um diálogo entre ela e seu par amoroso, outra arara da mesma espécie. Ao apresentar-se, Blue faz referência a um tipo de queijo, que em inglês é chamado de *blue cheese* (queijo azul). Porém, em língua portuguesa, não utilizamos a cor azul para denominarmos nenhum tipo de queijo, o que pode causar estranheza quando ouvimos a fala da personagem:

**Áudio em língua inglesa:** *Hi. My name is Blue. You know, like the cheese with a mold on it, that smells really bad. That's stupid.*

**(Tradução:** Oi, meu nome é Azul. Você sabe, como o queijo que tem uma “meleca”, que cheira muito ruim. Isso é estúpido.<sup>2</sup>)

**Legenda em língua portuguesa:** Oi, meu nome é Blue, como o queijo, mas não tão fedido. Quanta babaquice. Burro! Burro! (Trecho: 16min40s)

Notamos que em inglês a fala da personagem faz sentido, pois ela diz o próprio nome, cita o queijo e explica em seguida a qual queijo se refere, o que causa um efeito de humor, pois tal explicação é desnecessária se considerarmos que a maioria das pessoas conhece tal alimento. Na legenda em português, entretanto, quando a arara se apresenta como *Blue* e faz referência ao queijo, não há uma CCC, por parte do telespectador brasileiro, que torne o entendimento do humor possível, visto que não há (que seja de nosso conhecimento) um queijo conhecido como “*blue*” no Brasil. Em nosso país, o gorgonzola é o queijo comumente reconhecido por seu cheiro característico.

Na continuação desta cena analisada (trecho: 17min50s), há a utilização da música *Say you, say me*, de Lionel Richie, que é foco de comentários de dois personagens. O primeiro, Blue, diz: “*Sing it Lionel!*” (na legenda: “Manda ver, Lionel”); já o segundo, Túlio, afirma: “*Lionel Richie, works every time*” (na legenda: “Lionel Richie, sempre funciona”). Neste trecho, consideramos que a legenda está adequada e atende às necessidades da língua portuguesa. No entanto, a referência a essa música e a esse cantor é bastante forte para o povo estadunidense, pois ele é bastante famoso nesta comunidade; no caso do Brasil, acreditamos que essa

---

<sup>2</sup> Tradução nossa e livre. Optamos por colocar tradução, mesmo citando a legenda em língua portuguesa disponibilizada no filme, pois consideramos que pode haver divergência entre a fala (em inglês) e a legenda, o que também é foco deste trabalho.

referência possa atrapalhar a significação inerente ao uso da música e aos comentários dos personagens, mas não necessariamente comprometer o entendimento da cena.

Explicando melhor, os comentários dos personagens sobre a música e o cantor fazem sentido diante do conhecimento do estilo musical da canção e de seu intérprete (romântico), de modo conjunto à cena em que Túlio faz uso da melodia a fim de tornar o ambiente mais favorável ao acasalamento das aves. Assim, cremos que, apesar do não compartilhamento dessa carga cultural por parte dos brasileiros, o entendimento da cena não é prejudicado.

Não discutido nas reflexões teóricas, mas de relevância para nossa análise neste momento, apresentaremos uma breve definição de **estereótipo**, pautando-nos, para isso, em Kawachi (2011), que estudou este conceito no processo ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Este autor apresenta uma explicação clara do conceito de estereótipo, tendo como base Bardin (1977):

[...] a autora [Bardin, 1977] associa estereótipos a representações relativamente desconectadas da realidade objetiva, isto é, não necessariamente pertinentes àquilo que se entende por “real”. [...] Também ressaltamos a menção à imagem pré-existente como integrante da noção de estereótipo. [...] a concepção do termo **estereótipo no estudo de aspectos culturais nos remete a imagens similares (generalizadas)** sobre um país e pessoas, imagens que embora sejam/possam ser distintas, **são comumente observadas sob um ponto de vista superficial e, dessa maneira, raramente fieis à profundidade do país e/ou cultura em questão** (KAWACHI, 2011, p. 76, grifos nossos).

Fundamentados na explicação de Kawachi (2011) acerca de estereótipo, que pode ser uma imagem generalizada de um país e pessoas, constatamos no filme *Rio* uma cena de refeição (trecho: 21min15s), em que o típico churrasco brasileiro é representado por dois garçons que servem “Picanha! e *Chicken meat*, flambada!” (falas dos garçons) em espetos enormes, invadindo o espaço, a mesa dos personagens. Acreditamos que tal cena possa reforçar uma imagem de que o churrasco brasileiro é sempre servido desta maneira.

Analisemos, agora, a fala do personagem Nigel (trecho: 24min30s), um dos vilões do filme. Interrompido por seu “chefe” ao atacar uma das araras, ele diz: “*To be continued*”, traduzido na legenda em português como “Ainda não acabou”. É

de nosso conhecimento que esta frase em inglês remete ao final de um episódio, principalmente de séries norte-americanas, cuja continuação acontecerá no próximo episódio. Assim, podemos considerar essa fala como um foco de estudo da lexicultura, pois se trata de uma expressão que nos remete à cultura dos Estados Unidos, cujos indivíduos, ou grande parte deles, reconhecem e entendem o sentido da frase na cena, o que possivelmente não ocorre de maneira tão direta com pessoas que não conhecem tal aspecto linguístico-cultural.

Retomemos, agora, Barbosa (2009, p.35) e os contextos em que é possível observar a CCC, principalmente no que se refere ao contexto de “costumes, crenças, superstições e comportamentos”, para analisarmos uma cena (trecho: 23min10s) em que dois personagens brincam de “Pedra, papel e tesoura” – brincadeira infantil também conhecida popularmente como “joquempô” no Brasil, considerada parte dos costumes de um povo. Esses personagens cometem um equívoco em relação às regras do jogo quando um deles diz: “Tesoura ganha de pedra”. Ao compararem os símbolos, os jogadores devem considerar que a pedra ganha da tesoura (amassando-a ou quebrando-a); a tesoura ganha do papel (cortando-o); e o papel ganha da pedra (embrulhando-a). Assim, para que haja entendimento do efeito de humor, é preciso que o telespectador tenha conhecimento do jogo e de suas regras, ou seja, que tenha uma CCC.

Todavia, há momentos em que a CCC existe em ambas as línguas, como no trecho em que é utilizada a sentença “*Lights, camera, action!*”, traduzida como “Luzes, câmera, ação!” (trecho: 28min33s), pois tanto em português como em inglês temos a referência do cinema ao ouvirmos tal expressão.

Outro exemplo é a frase “*You are Juliet to his Romeo. Sure, they both die in the end, but you got my point*” (na legenda: “Você é a Julieta para o Romeu dele. Claro que ambos morrem no final, mas você me entendeu” – trecho: 1h06min). Acreditamos que seja preciso ter conhecimento da tragédia escrita por Shakespeare, *Romeu e Julieta*, para que tal referência na animação possa ser compreendida; porém, acreditamos também que favoreça a interpretação da cena nas duas línguas o fato de esta obra ser amplamente conhecida.

Na fala da arara Jade, “*I guess Love is death too*”, também podemos observar esse tipo de referência, ou seja, cremos que a carga cultural contida na fala “Acho que o amor é surdo também” (legenda em português – trecho: 40min30s),



advinda da expressão “o amor é cego”, faz parte das duas culturas, brasileira e norte-americana, o que torna sua interpretação possível nas duas línguas.

A nosso ver, esses dois momentos do filme são bastante adequados do ponto de vista linguístico-cultural, principalmente se considerarmos que ele foi produzido para ser veiculado nas duas línguas em questão, o que sugere que indivíduos pertencentes a essas culturas devem ter a mesma oportunidade de interpretação das passagens.

Esse fenômeno não acontece em outros momentos, como o que discutiremos a seguir. As duas araras, personagens principais do filme, estão em uma área florestal, quando uma delas se mostra preocupada com os perigos de tal lugar:

**Áudio em língua inglesa:**

Jewelry – *We have to find out a safe place to spend the night.*

Blue – *Safe?! We are in the jungle. You know when people say “it’s a jungle out there”?! Well, I’m pretty sure they don’t mean it as a good thing.*

**Legenda em língua portuguesa:**

Jade – Precisamos arrumar um lugar seguro para passar a noite.

Blue – Seguro? Nós estamos na floresta. A expressão “é uma selva lá fora” deve ser pra algo muito ruim (Trecho: 33min12s).

Em língua inglesa, há a expressão “*It is a jungle out there*”, que significa que a situação é perigosa e/ou que não há regras. Assim, para um falante de inglês que tem conhecimento dessa expressão, o diálogo citado é de fácil entendimento; porém, ao considerarmos um falante de português e nos atentarmos para a legenda “é uma selva lá fora”, parece-nos que ele não terá o mesmo entendimento da cena quando comparado a um indivíduo inserido na cultura norte-americana.

Apresentamos alguns excertos do filme *Rio*, em que pudemos observar a necessidade de uma CCC para o entendimento de diálogos ou cenas, e, além disso, discorreremos sobre a lexicultura e evidenciamos exemplos que contemplam este tipo de estudo.

### **Considerações finais**

Por meio dos exemplos extraídos do filme **Rio**, observamos que a lexicultura é relevante e que a atenção à carga cultural compartilhada é essencial em uma produção cinematográfica como esta, pois, ao pensarmos nas pessoas que

assistirão à animação e nas possíveis interpretações de falas e cenas, tal aspecto é de extrema importância.

Consideramos que os produtores de filmes como este, que têm como pano de fundo uma cultura específica (a brasileira, neste caso), precisam estar atentos à forma como retratam suas características, para que não ocorra a formação nem o reforço de estereótipos.

Além disso, cuidados em relação a expressões linguísticas, gírias e outras produções similares são necessários, para que não somente seus conhecedores possam interpretá-las, mas, sim, para que haja uma CCC que torne o filme acessível a diferentes povos.

Concluimos este breve estudo ressaltando a necessidade de outros aprofundamentos neste tipo de discussão e afirmando que o filme por nós analisado merece elogios por retratar de forma delicada as belezas do Brasil e por instigar a reflexão a respeito do contrabando de aves silvestres.

## Referências

BARBOSA, L. M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino de português língua estrangeira. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 10-11, p. 31-41, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LDA, 1977.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOLOGNINI, C. Z. Relações de contato: a questão da cultura. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas: UNICAMP, v. 32, p. 7-14, 1998.

DÍAZ, C. G. La lexiculture: d'un concept instrumental à un outil d'intervention en didactique des langues. In: LINO, M. T.; PRUVOST, J. (Orgs.) **Mots et lexiculture**. Paris: Honoré Champion, 2003. p. 33-50.

GALISSON, R. Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. **Études de Linguistique Appliquée**, v. 67, p. 109-151, 1987.

\_\_\_\_\_. **De la langue à la culture par les mots**. Paris: CLE International, 1991.

KAWACHI, G. J. **Estereótipos culturais em estágios avançados de aprendizado de inglês como língua estrangeira e seus desdobramentos para ensino e uso do idioma**. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado) – UFSCar, São Carlos, 2011.

KRAMSCH, C. C. **Language and Culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LYONS, J. Linguagem e cultura. In: LYONS, J. **Lingua(gem) e Linguística**. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1987. p. 273-299.

RIO. Direção: Carlos Saldanha. Produção: Bruce Anderson John C. Donkin. EUA: Blue Sky Studios, Twentieth Century Fox Animation, 2011. 1 DVD (105 min).

RICHIE, L. **Say you, say me**. Detroit: Motown Records, 1986.

SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta**. Tradução Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2007. 168 p. (Coleção L&PM Pocket)

SILVA, M.C.P. O tratamento de Lexicultura nos Dicionários Bilingües Francês-Português. In: J. S. de Magalhães & L. C. Travaglia (Org.), **Múltiplas Perspetivas em Linguística**. pp.2021-2026, 2008. Uberlândia: EDUFU. [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_434.pdf/](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_434.pdf/), consultado em Setembro 2010.

ZARATE, G. **Enseigner une culture étrangère**. Paris: Hachette, 1986.